

FALE COM A GENTE!

Editores Bruno Rios, Marcelo Luís,  
Rafael Motta e Ronaldo Abreu Vaio  
E-mail cidades@atribuna.com.br  
Telefone 2102-7157

# DESTAQUE DO DIA

## CIDADES

# Simulação descarta óleo na BS

Análise de especialistas aponta como improvável a chegada das manchas de petróleo que atingem centenas de praias do Nordeste

EDUARDO BRANDÃO  
DA REDAÇÃO

Apesar de o local do vazamento e a quantidade de óleo ainda serem desconhecidos, especialistas e consultores ambientais descartam que a mancha de petróleo chegue às praias da Baixada Santista. A tendência é que o material tóxico, que já afeta 268 praias de 9 estados das regiões Norte e Nordeste, comece a perder força assim que atingir o litoral do Espírito Santo.

A conclusão se baseia em simulações realizadas pelo Núcleo de Pesquisas Hidrodinâmicas (NPH) da Universidade Santa Cecília (Unisant), levando em consideração ventos e correntes marítimas.

“Embora seja baixo o risco (de o óleo chegar na região), isso não impede que seja elaborado um plano de ação”, afirma o biólogo, pesquisador e integrante do NPH-Unisant, Renan Braga Ribeiro. Ele reuniu os dados utilizados ontem, durante reunião da câmara temática de Meio Ambiente, do Conselho de Desenvolvimento Metropolitano da Baixada Santista (Condesb). Com a presença de representantes das nove cidades, Ibama e Codesp, o encontro ocorreu na sala de situação da Prefeitura de Santos.

Ribeiro utilizou estudos realizados pela Petrobras, ao realizar o leilão das áreas de prospecção de óleo, para tentar mapear o comportamento da mancha de óleo. O estudo foi apresentado



TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO CONTEÚDO

O óleo já atingiu 268 praias de nove estados do Nordeste; numa delas, a Praia do Janga, na região do Recife, voluntários retiram a sujeira

### CENÁRIOS

A simulação também levou em conta outros cenários possíveis de vazamentos. O pior, com ruptura em 22 pontos diferentes da costa do Espírito Santo, teria vazão por longo período de 100 mil metros cúbicos de petróleo. Nessas condições, em dois meses o óleo chegaria na proximidade do Rio de Janeiro.

“Com esse cenário, a probabilidade de chegar à Baixada Santista é de até 15%”, continua Ribeiro. Assim que o material aportar em

Saquarema, na região dos Lagos do Rio de Janeiro, o alerta regional deve ser ligado. “Nesse caso, há risco de atingir a Baixada Santista. Os modelos matemáticos indicam de cinco a 10 dias”.

### MONITORAMENTO

Para avaliar a extensão em que a mancha de óleo pode se espalhar na costa brasileira, Ribeiro destaca que é necessário saber duas variáveis: o ponto de origem e a quantidade vazada – ambas ainda sob análise de técnicos do Ibama, sob coordena-

ção da Marinha do Brasil.

Estima-se que o material retirado das praias nordestinas seja menos de 10% do total descartado no alto-mar. Até ontem, mais de 1,5 mil toneladas de petróleo cru foram recolhidos, conforme dados dos governos estaduais afetados pelo desastre.

A hipótese aceita pela comunidade ambiental é que o desastre foi provocado por transporte ilegal de óleo em água internacional – mais de 200 milhas náuticas da costa, ou cerca de 370,5 qui-

lômetros. Quanto mais longe da costa, mais difícil é a identificação do material. Devido às baixas temperaturas, o óleo se espalha abaixo da linha d’água.

Ribeiro diz que navios para transporte de petróleo têm capacidade de armazenamento entre 70 mil a 165 mil toneladas. Conforme dados preliminares do Ibama, o derramamento de óleo teria ocorrido entre 270 e 600 quilômetros do litoral, tendo como ponto de partida os estados da Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

## CHANCE BAIXA

Um monitoramento do Ibama cita ser abaixo de 1% a probabilidade de o óleo atingir alguma praia paulista. A agente ambiental do órgão federal Ana Angélica Alabarce afirma que, embora o risco seja reduzido, o desastre no Nordeste serve de alerta para a criação de um plano de contingência regional. “O Estado de São Paulo está numa situação melhor (que o restante do País), pois tem empresas especializadas nesse tipo de atendimento emergencial”. Ontem, a Marinha, que investiga 30 navios de 11 países, não descartava a chegada do óleo à região Sudeste. O óleo voltou a atingir praias do Nordeste, na segunda-feira.

## ANÁLISE

Laboratórios da França e da Noruega vão receber amostras do petróleo que vazou no Nordeste para que sejam identificadas suas características e origens. O trabalho está sendo coordenado pelo Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP), representante de grandes petroleiras. A ideia é corroborar o trabalho feito por pesquisadores brasileiros, que identificaram o óleo como sendo venezuelano. “Nada melhor para fazer uma defesa internacional do que ter laboratórios internacionais fazendo a mesma análise”, disse o presidente do IBP, José Firmo. Já o Ministério da Agricultura proibiu a pesca de lagosta e camarão em áreas afetadas pelo óleo, além de autorizar o pagamento de duas parcelas do seguro-defesa.

# Região implanta monitoramento da costa

Um observatório costeiro será montado na Baixada Santista para monitorar a possível aproximação da mancha de óleo. Ao primeiro sinal de o material contaminante aportar no litoral carioca, o novo órgão entrará em operação.

O observatório costeiro ficará sob a gestão do NPH-Unisant, que já faz o monitoramento da maré e de ressacas. A ideia é que o órgão utilize os modelos matemáticos para elaborar boletins regulares sobre a dispersão das manchas e aproximação do óleo na costa paulista.

De acordo com o coordenador do colegiado regio-

## AÇÕES

Nova reunião com os representantes da pasta das nove cidades, Ibama, Cetesb, Defesa Civil, Petrobras e autoridade portuárias foi marcada para acontecer em até 10 dias. No encontro, serão detalhadas a cadeia de ações a serem realizadas caso ocorra um desastre dessa magnitude na região.

nal e secretário de Meio Ambiente de Santos, Marcos Libório, o observatório fará a avaliação da mancha chegar antes de chegar ao litoral paulista. “Verificamos algumas ne-

cessidades, como treinamento e capacitação das equipes técnicas, que vai desde a limpeza de praias às orientações aos voluntários para que não se exponham aos produtos que sejam tóxicos”, diz.

No encontro, os técnicos municipais ficaram de fazer um inventário de equipamentos de proteção individual (Epi’s), barreiras de contenção, maquinários e planos de contingência já feitos por empresas do setor. Estudo nesse sentido já é realizado pela Secretaria Estadual de Infraestrutura e Meio Ambiente. Outra etapa será a de capacitação da mão de obra para a lim-

peza das áreas afetadas.

### BARREIRAS

Apesar do baixo risco de a mancha chegar à região, Libório não descarta uso de barreiras e redes de retenção para auxiliar na preservação de áreas de manguezais e rios que cortam a região. Cita para isso biodegradação do óleo, que é um líquido consequente dessas manchas e igualmente nocivo ao meio ambiente.

“Precisamos atuar não só nas praias, mas nos mangues. Como os manguezais possuem menos correntes e atuação das ondas, a barreira em ambiente mais viável”.

## MANGUES



NIRLEY SENA-ARQUIVO

“Precisamos atuar não só nas praias, mas nos mangues. Como os manguezais possuem menos correntes e atuação das ondas, a barreira em ambiente mais viável”

Marcos Libório  
Secretário de Meio Ambiente de Santos